

ETAPA 9

DESENVOLVIMENTO DE ORIENTAÇÕES CURRICULARES COM GESTORES EDUCACIONAIS E ESCOLARES

Documento Conceitual: Aprender a Sonhar
no Cieja Campo Limpo

Orientações > Módulo > **Documento
Conceitual**

Aprender a sonhar no Cieja Campo Limpo

Um mês em cada ciclo

Nas salas de aula do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) Campo Limpo, as mesas e cadeiras são dispostas em grupos de seis. Há cartazes colados nas paredes e pendurados no teto com frases como: “Quais os conhecimentos necessários para a sua vida?”; “Você tem alguma certeza que gostaria de pôr em dúvida?”; “Tem alguma verdade que você acha injusta?”.

Um dos alunos chegou a nos dizer com entusiasmo: “Não há sirenes na escola para sinalizar as divisões dos períodos”. Além da não existência de “sirenes”, as atividades também chamam a atenção dos alunos. O ensino se divide em quatro módulos, com duração de um ano cada, que correspondem, conjuntamente, ao ensino fundamental completo. Os módulos são nomeados de Alfabetização, Básico, Complementar e Final – essa divisão substitui a separação em “séries” ou “anos”. E cada módulo é formado por quatro ciclos: Linguagens e Códigos (português e inglês); Ciências Humanas (história e geografia); Ensaio Lógico e Artístico (artes e matemática); e Ciências do Pensamento (ciências e filosofia). Há dois professores de áreas diferentes em cada ciclo. A primeira aula que assistimos era uma combinação de geografia e história, em seguida participamos de uma com professores de artes e matemática.

Em uma das classes do ciclo de Ciências Humanas, encontramos na sala o professor Dennis Blowol, de geografia, e a professora Célia Gama, de história. Há sempre um computador na mesa e, tal como os alunos, os educadores têm que escrever um diário de bordo da aula – um resumo do fluxo das conversas e apreensão de conteúdos. A dupla docência é um desafio para os professores, que devem buscar a harmonia em sala de aula não apenas com os estudantes, mas entre eles mesmos. Passam pouca lição na lousa, a maior parte do tempo é dedicada a debates. Uma das aulas de Dennis e Célia iniciou-se com a leitura de uma frase da urbanista e professora da Universidade de São Paulo (USP) Ermínia Maricato: “É impossível esperar que uma sociedade como a nossa, radicalmente desigual e autoritária, baseada em relações de privilégio e arbitrariedade, possa produzir cidades que não tenham essas características”.

O professor de geografia indagou: “Antes de discutirmos o conteúdo da frase, há alguma palavra que vocês não entenderam?”. Passaram-se alguns segundos de silêncio. Como os alunos se sentam em grupos de seis, é mais fácil o contato visual de uns com os outros, e eles se olhavam sem esboçar uma resposta, como se entendessem cada vírgula da sentença na lousa. Mas um deles, uma senhora, levantou a mão e disse que não sabia o significado da palavra “autoritária”. Então ela perguntou: “Autoritário é quem manda?”. Foi o estopim para uma conversação que tocou camadas profundas do sentido do termo. O professor replicou:

“Todo mundo que dá ordens é autoritário? Há diferença entre autoritário e autoridade? Você se lembra de alguma situação autoritária no seu trabalho?”. A discussão se encadeou de forma a pavimentar ainda mais o assunto do dia, que incluiu uma música que abordava aspectos históricos da cidade de São Paulo, e uma discussão sobre a geografia urbana e a distribuição das pessoas no mapa. Os alunos de Dennis e Célia continuarão um mês com eles, em encontros de segunda a sexta. Depois deste mês de aulas, a turma seguirá para outro ciclo, como filosofia e ciências, e para outro, enfim, para o último do semestre. Na segunda parte do ano, repetem o itinerário, de ciclo em ciclo, em aulas que provocam o encontro entre os assuntos abordados e a realidade da rotina.

Aprendizagem com significado

“Ao assistir uma aula no Cieja Campo Limpo sobre Tarsila do Amaral, José decidiu que iria pintar um painel no muro da escola. Comprou algumas latas de tinta com as cores primárias e secundárias, sendo que as cores primárias custaram R\$ 32,00 (cada lata) e as secundárias R\$ 34,00 (cada lata). Quanto José gastou no total? Se José tivesse conhecimento sobre as categorias de cores, quanto ele teria economizado?”

A proposição acima é um típico exemplo de uma situação-problema discutida em sala de aula, cujos objetivos principais são interligar as matérias e, paralelamente, provocar o aluno a entender a conexão entre os conteúdos e o cotidiano. Essa situação-problema entrou em debate em uma aula de Ensaio Lógico e Artístico. Para resolvê-la, os alunos são instigados a responder uma série de perguntas implícitas, que eles mesmos precisarão perceber: quem é Tarsila do Amaral e quais

as suas obras? O que são cores primárias e cores secundárias? Quantas são? O professor de matemática, Giulio Czesar, que aplicou a situação-problema das cores em companhia da professora Edinéia Andrade, de artes, ressalta a influência do teórico norte-americano David Ausubel no seu trabalho. Ausubel acreditava que, quanto mais sabemos, mais temos capacidade de aprender. Defendia que aprender de maneira significativa é ampliar e reorganizar as ideias na mente, criando conexões que possibilitem o acesso a conteúdos novos.

Em uma aula de português e inglês, os professores aplicam uma atividade semanal, chamada Novos Conhecimentos. Dedicam alguns minutos da aula para que todos – inclusive a aluna mais velha da escola, com 91 anos – compartilhem o que de mais importante aprenderam durante a semana. Em momentos assim, os estudantes relatam as próprias experiências, como a aluna que comentou: “Fiquei impressionada com a força de vontade dos estudantes aqui da escola que são deficientes visuais”. O aprendizado da jovem nasceu da sensibilização – ela passou a se dedicar mais a suas atividades devido ao encontro com o diferente. É por meio de atividades assim que não só a realidade do aluno se conecta com a da escola, mas também suas impressões sobre o próprio espaço de aprendizagem emergem.

O ponto de partida é a inclusão

Os professores de escolas públicas brasileiras são proibidos de comer a merenda que chega à escola. Têm que levar marmitas ou comer fora, em um intervalo de poucos minutos. No Cieja Campo Limpo, a merenda é servida a todos. Na hora das refeições, não é raro encontrar um professor e um aluno sentados à mesma mesa, batendo papo. Essa medida simples, mas com bastante significado, estimula a diversidade e a troca de ideias. “Inclusão não é uma questão de coragem, mas de concepção do que se faz”, diz dona Êda. Ao contar que o Cieja Campo Limpo recebe 35 alunos surdos, 18 cegos, 22 cadeirantes e muletantes e 200 deficientes intelectuais, a coordenadora ressalta que isso é apenas o reflexo de que o ponto de partida do projeto é a inclusão. Aliás, nem a dona Êda nem os professores têm discursos assépticos quanto a isso – eles falam declaradamente que trabalham com a exclusão. Mas, na fala dos membros do Cieja Campo Limpo, tal termo possui tom crítico e não preconceituoso. Quando falam de exclusão, a coordenadora e os

professores estão apenas constatando um fato: um número significativo de pessoas não é aceito em lugar nenhum.

Parte dos alunos com deficiência participa da mesma dinâmica de módulos explicada anteriormente, com os demais alunos da escola. Outra parte visita o Cieja Campo Limpo apenas dois dias por semana, em encontros no período da tarde. Há aqueles que, como Ronildo, 24 anos, deficiente visual desde os 5 anos devido a complicações de uma meningite, voltam quase diariamente, mesmo depois do fim do curso. Para Ronildo, a escola deixou de ser um lugar de passagem para se tornar uma sala de estar, um ponto de encontro.

Semanalmente, o professor Billy Silva, responsável por aulas com grupos de deficientes, organiza o Café Terapêutico – um encontro para pais e mães desses estudantes. Em geral, são entre 30 e 60 participantes. O professor costuma desenvolver um tema inspiracional na primeira parte do encontro. A segunda metade é dedicada à conversa dos pais entre si e também para os filhos presentes trocarem ideias, enquanto comem alguns quitutes que trouxeram. “Foi no Café Terapêutico que aprendi a falar para os outros sobre as dificuldades da minha filha”, conta uma mãe. A atividade semanal funciona como uma formação para pais. É uma maneira de estimulá-los a dialogar e a se manter em uma constante reciclagem de ideias. A iniciativa surgiu em 2007, depois que a prefeitura aprovou o transporte adaptado para os alunos da escola. Hoje, vans buscam e levam os jovens para o CIEJA Campo Limpo. Antes do transporte gratuito, quem deixava os filhos nas escolas eram, em sua maioria, as mães. Reunidas no pátio, enquanto esperavam o fim da aula, alimentavam amizades e atividades como tricô e bordados. Quando o transporte gratuito foi liberado, os encontros acabaram. O Café Terapêutico surgiu para aproximar aquelas mães novamente. A iniciativa foi reconhecida nacionalmente, em 2013, com o prêmio Construindo a Nação, uma homenagem às boas práticas em escolas.

Questionar os rumos da escola

Nas sextas-feiras, o tempo é dedicado principalmente a encontros de professores com seus colegas de área. Em quatro reuniões ao longo do dia, os educadores planejam as aulas da próxima semana. “Aqui a gente estuda tanto!”, disse uma das educadoras, destacando que não dá para chegar nas reuniões despreparada, senão a construção coletiva de ideias emperra.

Nesse dia da semana, também conversam com a coordenadora, em um momento de análise dos processos. Certo dia, um dos professores compartilhou um desconforto. Disse que a celebração do Dia da Mulher realizada pela escola, por meio de desfiles com as alunas, reproduziu estereótipos combatidos por eles mesmos na sala de aula. Questionar os rumos da escola é uma atitude estimulada no Cieja Campo Limpo.

As reuniões acontecem entre as aulas, que duram menos tempo na sexta-feira por seguirem um roteiro diferente. Desde 2013, a sexta é também o dia da tutoria. Professores e alunos ainda estão se acostumando com a novidade, implantada pela coordenadora depois de um longo período de maturação da ideia. É um momento para que os laços entre os professores e os alunos se fortifiquem. Nesses encontros, as dificuldades da semana são trabalhadas, com apenas um professor por sala. A ideia surgiu inspirada em um aluno que se responsabilizava por ligar para os colegas que faltavam, diminuindo as ausências da sua turma e aumentando a participação. A tutoria nasceu com a intenção de aparar as arestas das relações, para que os professores conheçam os alunos mais a fundo e vice-versa.